

## EDUCAÇÃO POPULAR EM HOMEOPATIA: contra o desperdício da experiência social em saúde<sup>1</sup>

Germana Lima de Almeida <sup>2</sup>  
Danielle dos Santos Costa <sup>3</sup>

### RESUMO

No Brasil, diversos movimentos sociais lançam mão da educação popular paulofreiriana para difundir cursos de saúde, como de homeopatia, que passa a ter denominação de “homeopatia popular”. Tem-se por objetivo desta pesquisa observar como se dá este processo de educação popular em homeopatia – que é um saber complexo até mesmo na própria ciência médica; bem como de apreender sua possível contribuição para a promoção de uma ecologia dos saberes em saúde. O recorte empírico foi estabelecido nos espaços formativos do primeiro Curso de Homeopatia Popular do Cariri, realizado no município de Crato, Ceará, entre os anos de 2015 e 2017. O caráter qualitativo desta pesquisa lançou mão da observação participante durante todas as etapas de realização deste curso, complementada com entrevistas ao final do mesmo. Por categorias centrais foram observadas este processo de *educação popular* em saúde e sua possível confluência metodológica para o alcance de uma *ecologia dos saberes* em saúde. Resultados evidenciam que há ainda estruturas oficiais e científicas que se interpõem fortemente ao movimento de transmissão e prática de saberes em saúde por agentes não credenciados por suas instituições médicas; ao mesmo tempo que nos demonstra sua força interna de transformação da experiência social em saúde, exatamente por seu caráter alternativo estreitamente alicerçado com a cultura e saberes preexistentes, histórica e socialmente concebidos, na experiência de seus participantes.

**Palavras-chave:** Sociologia, Educação Popular em Saúde, Homeopatia popular, Ecologia dos saberes

### INTRODUÇÃO

O final do século XX trouxe inovadores expoentes para ciências humanas investigarem o campo dos saberes biomédicos. Estes, puseram em questão não apenas o universo acadêmico ou políticas públicas que influenciam o campo científico (FOUCAULT, 1979; BOURDIEU, 1983); como também a falta de credibilidade que agentes do campo científico e político atribuíram aos saberes em saúde produzidos por outros grupos sociais que não partilhavam da racionalidade racional-cartesiana e seus espaços privilegiados de reprodução (CUNHA, 2015; SHIVA, 2001, 2003; SANTOS, 2005, 2011).

Por força da soberania com a qual o saber científico se projetou no mundo e em diversas populações; saberes extremamente eficazes e válidos para promoção da saúde

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da UERN, com a poio de bolsa de IC pela CAPES.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais e Humanas – PPGCiSH/UERN, [germanalima@alu.ufc.br](mailto:germanalima@alu.ufc.br);

<sup>3</sup> Mestre em Ciências Sociais e Humanas – PPGCiSH/UERN, [danielle.santos@ifsertao-pe.edu.br](mailto:danielle.santos@ifsertao-pe.edu.br)

humana, como a medicina tradicional chinesa ou saberes em saúde de populações indígenas e tradicionais das Américas, África e Ásia; foram sistematicamente desprezados, combatidos e considerados inválidos pela estrutura de saber biomédico que se disseminava no ocidente; ao que Santos denominou “desperdício da experiência” (SANTOS, 2005; 2011).

Este embate se deu também contra a homeopatia que, embora sistematizada pelo médico alemão Samuel Hahnemann no século XIX, foi fortemente combatida por inovar na compreensão de saúde e dos “fármacos” necessários para promoção da saúde humana. Apesar deste conflito interno do campo científico, no Brasil houve sua intensa disseminação e prática por agentes não médicos (LUZ, 2014); especialmente a partir dos anos 1970 por meio da educação popular paulofreiriana; como uma alternativa de saúde para populações carentes (AMARAL, 2008; ALMEIDA, 2018).

Um destes cursos foi realizado no município de Crato-Ce, entre os anos de 2015-2017, destinado a população em geral. A iniciativa motivou esta pesquisa participante com o objetivo de observar como se dá este processo de transmissão de conhecimentos homeopáticos pela educação popular, bem como a sua possível contribuição para a promoção de uma ecologia dos saberes (SANTOS, 2005, 2011) em saúde.

Interessa-nos apreender e refletir, neste artigo, não sobre a validade ou não deste saber homeopático; mas sobre a relevância desta transmissão de conhecimento por meio da educação popular; a relevância de habilitar pessoas comuns a promover sua saúde familiar ou comunitária e a transformação da experiência social que o processo possa provocar entre os agentes e participantes dos cursos.

Resultados evidenciam que há ainda estruturas oficiais e científicas que se interpõem fortemente ao movimento, ao mesmo tempo que nos demonstra sua força interna de transformação da experiência social em saúde.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa teve caráter qualitativo, valendo-se da observação participante (GIL, 1999) na qual a pesquisadora principal realizou uma imersão junto ao grupo em formação, desde sua etapa de pré-produção, passando por cada uma das 16 etapas formativas, realizadas entre maio de 2015 e julho de 2017. Nestas inserções, o diário de campo coletou uma descrição densa (GEERTZ, 1989) compondo a mais relevante fonte de dados deste trabalho.

Embora não seja elementos utilizados nesta publicação, a presente pesquisa realizou também entrevistas com os egressos desta formação. As mesmas foram previamente

submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa-CEP/UERN sob o CAAE nº 82121617.7.0000.5294, aprovado pelo parecer nº 2.584.846 de abril de 2018, conferindo-nos o direito de uso e publicação dos resultados colhidos nesta e em publicações futuras.

## **DESENVOLVIMENTO**

A luta pelo monopólio da competência científica é inerente ao campo de lutas políticas ou econômicas de nossa sociedade e foi trazida ao debate pelo sociólogo Pierre Bourdieu, em sua teoria do Poder Simbólico (BOURDIEU, 1983; 2009). Este elucidou o conceito de “campo” onde as regras e práticas (desencadeadoras de regras) científicas credenciam a si mesmas e a alguns sujeitos bem situados em sua rede de relações, a uma posição privilegiada na determinação da autoridade e autoria de verdades científicas.

Esse viés denota por outro lado, o intenso caráter excludente da prática científica, tanto em relação aos concorrentes internos quanto aos modelos epistemológicos externos à ciência – os saberes não-científicos - e toda a teia de reprodução de conhecimento que não comungue com o formato sob o qual a ciência sedimenta o seu caráter reprodutor: sua educação formal e acadêmica.

Em se tratando do campo de poder biomédico, e especificamente quanto à homeopatia e sua inserção no Brasil, a autora Luz (2014) fornece elementos que coadunam com Bourdieu (1983, 2009) sobre o campo de disputas dos espaços de produção e reprodução deste saber médico. Segundo afirma, as medidas políticas de fortalecimento da Academia Imperial de Medicina, na década de 1830; paralelamente à criação de novas Escolas e Faculdades Médicas; consolidariam uma corporação médica estreitamente ligada aos interesses públicos e econômicos de modernização no Brasil. Estes, promoveram intenso combate aos saberes e práticas tradicionais, derivadas das matrizes culturais que formavam a população brasileira, e também à homeopatia, por estas serem fontes divergentes ou concorrentes no campo da prática científica em saúde.

Mais do que apenas uma luta por hegemonia política ou econômica, contudo, há que se evidenciar o caráter de arbitrário cultural com o qual o saber científico se propagou e o seu caráter reprodutor de desigualdades sociais. Estes são em parte observáveis no modelo de educação formal que adentra o indivíduo ao conjunto de cognições instrumentais úteis à reprodução dessa sociedade científica excludente e desigual (BOURDIEU; PASSERON, 2014), desprezando modelos outros de compreensão de mundo e experiência social. Em se tratando de saberes indígenas sobre saúde, por exemplo, Cunha (2009) evidencia que se torna

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

muito menos uma questão reconhecimento e muito mais o atendimento de conjunturas e grupos de interesses que parecem contornar evidências óbvias do mérito de saberes formulados por populações comuns (não científicas). A luta por patentes em altos circuitos acadêmicos e econômicos inviabilizam por completo os reais “autores e práticos” dos saberes tradicionais em saúde em receber os royalties pelas descobertas do uso medicinais de plantas ancestralmente por eles utilizadas.

A transformação dessa realidade, alega Santos (2011), deveria partir não de uma transformação econômica ou política de vulto, mas de uma historicização da educação e, em consequência, a educação de sujeitos para um exercício não apenas de um aprendizado curricular, mas de um aprendizado cidadão, político, culturalmente fortalecido em suas raízes e realidades culturais. Desta forma poder-se-ia mais facilmente levar uma comunidade a um processo epistemológico emancipador dos sujeitos frente aos saberes formais que lhe são transmitidos desprestigiando não apenas suas capacidades singulares de produzir conhecimentos, como também de toda a sua experiência social e cultural.

Essa discussão defende a necessidade de outros parâmetros de coexistências epistemológicas, uma “ecologia dos saberes” no sentido de que;

[...] a lógica do saber e do rigor científicos, tem de ser questionada pela identificação de outros saberes e de outros critérios de rigor que operam credivelmente em contextos e práticas sociais declarados não-existentes pela razão metonímica. [...] O que cada saber contribui para esse diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma certa ignorância. O confronto e o diálogo entre saberes é um confronto e diálogo entre diferentes processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias. (SANTOS, 2004, p. 790)

No contexto capitalista e multicultural de nossa sociedade, a educação popular delineada por Paulo Freire vem ao encontro desta necessidade de ressignificar a aprendizagem a partir da própria experiência sociocultural e estendeu-se assim, para além das ações curriculares, reprodutora de desigualdades (BOURDIEU; PASSERON, 2016), ou de uma alfabetização bancária (FREIRE, 1987). Por esta razão este modelo educativo motivou e motiva até hoje diversos movimentos sociais a lançarem mão desta pedagogia nas suas lutas pela cidadania em segmentos específicos da sociedade, como é o caso da Educação Popular em Saúde, observado nesta pesquisa.

O modelo dialógico freiriano preconiza uma valorização dos aspectos subjetivos de cada localidade, além de empoderar os sujeitos na criação de suas próprias concepções do mundo que os cerca e que lhes produz sentido. É a partir de uma identificação preliminar

destes que a inserção dos saberes que lhes são externos - normalmente saberes de uma racionalidade científica, desprovida de significados locais e ideologicamente premeditados - passa a ser resignificada pelas demandas e experiências educativas. Desta forma tende a favorecer a dialogicidade dos saberes exógenos com os processos de produção de conhecimento culturalmente estabelecidos sem o obscurecimento destes (FREIRE, 1967, 1987).

Isso implica em abstrairmos que as práticas sociais desenvolvidas pelos participantes do Curso de Homeopatia Popular do Cariri, neste contexto de apreensão de um novo conhecimento em saúde; deve ser especialmente observado por lhes ser atributo imprescindível de construção de entendimentos inovadores sobre o mundo e sobre o ser no mundo.

É precisamente esse contexto de valorização do saber local, o foco da atenção de Boaventura de Sousa Santos (2005; 2008; 2010; 2011). Superando a crítica ao teor político e autoritário do sistema médico, é possível pôr em questão as próprias bases epistemológicas da ciência que dá suporte aos sistemas cognitivos com os quais produzimos o conhecimento e a construção da inteligibilidade que nos leva a agir sobre o mundo social. E é especialmente no sentido de empoderamento da capacidade dos próprios sujeitos em promover a dialogicidade de distintas matrizes de saberes, que a transformação da experiência social observada nesta pesquisa tecerá suas considerações.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Está presente na perspectiva de Educação Popular freiriana uma dimensão da cultura, enquanto conjunto de significados, especialmente observados como sendo os aspectos subjetivos que norteiam as ações humanas, mas que não são reduzíveis a aspectos imateriais e nem tampouco aos produtos materiais. Trata-se de uma interação objetivo-subjetivo que Zemelman indica, acerca da construção dos saberes decorrentes desse processo em nosso cotidiano, que “[...] refere-se à dimensão **existencial** do conhecimento que implica realidade, não como objecto, mas como contorno, isto é, como o que é historicizável e permite ao sujeito ampliar a sua subjetividade” (in SANTOS, 2005, p. 460).

Portanto, a experiência social que perfaz aquilo que é elencado nesta alternativa educacional como *cultura* envolve elementos que, ao promover uma codificação do mundo, ativa categorias locais de produção e transmissão de saberes, para assimilação destes ou de outros saberes e significantes para sua interação com o meio.

Neste sentido, Edna Amaral, uma das facilitadoras do curso, esclareceu que a compreensão geral sobre plantas medicinais foi um elemento primordial para levar ao participantes de seus cursos, maior facilidade na compreensão da homeopatia popular. Sua intervenção iniciava-se colhendo relatos sobre as plantas medicinais mais comumente usadas para então revelar que as mesmas, na forma homeopática, ampliavam enormemente seu poder de cura. Estabelecia-se desta forma, um forte elo de significação cultural facilitador da compreensão do saber homeopático, além de revitalizar os saberes populares – uma dialogicidade.

Em outra intervenção, o facilitador Padre Toninho convidou todos a responder “o que é saúde?” As respostas foram muitas, dentre as quais: “ausência de doença”, “bem-estar”, “equilíbrio”, “harmonia”, “integração”, “qualidade de vida”, etc. A experiência motivou debates que não puderam produzir uma hegemonia conceitual, evidenciando que, independente das bases de conhecimentos ou do vocabulário - formal, informal, espiritual, holístico, alternativo ou popular - que vieram à tona pelos participantes para explicar o que seria saúde; todos haviam demonstrado que sabiam o *sentido* de ter saúde.

Este sentido ou sentimento, tão indefinível quanto inconfundível, demonstrava a todos – conforme observou o Pe. Toninho - que muito mais que uma formalidade linguística ou conceitual, gramatical ou científica; há outras formas de apreender a experiência humana. Mais importantes do que uma simples categorização, está o *sentido* que atribuímos a uma experiência, a uma palavra, a uma atitude. O *sentido* seria o que realmente norteia nossas vidas.

Um outro expoente da Educação Popular paulofreiriana, que versa sobre a historicidade e identidade cultural local, chama a atenção para a compreensão de que os movimentos culturais ou tecnológicos exógenos estariam também permeados de conteúdo ideológico ou de caráter opressor. Por isso, a educação deveria favorecer para que estes conteúdos hierárquicos fossem minimizados – ou até eliminados – por força da promoção de uma coesão social consciente desta opressão (velada ou explícita).

A este respeito, Toninho pediu ao grupo que indicasse tantas quantas forem as suas práticas de saúde conhecidas pelos participantes. A multiplicidade de respostas obtidas e escritas no quadro branco deu um panorama mais contundente da multiplicidade de procedências e bagagens de informação contidas em cada um dos participantes, evidenciando suas íntimas aproximações com as práticas alternativas de saúde fora daquele ambiente e foco comum na homeopatia popular.

A experiência foi utilizada pelo facilitador no intuito de esclarecer que a homeopatia comunga com cada uma das experiências citadas, mas não se assemelha a nenhuma delas. Afirmou que a homeopatia comunga da compreensão de que não existe uma forma única ou predominante ou exata de obtenção da saúde. Portanto, equipara-se a estas que igualmente não se impõe como verdade absoluta.

As provocações destes e dos demais facilitadores, fomentaram a compreensão no grupo de que não poderíamos diante de uma riqueza cultural tão imensa no mundo, nos privar de conhecer novas formas de compreendê-lo – neste caso, sobre alternativas de saúde. Explanções sobre os conflitos que até hoje questionam a validade de saberes alternativos e populares foram respondidos com fatos históricos sobre conjunturas e interesses que buscam interditar até hoje, o desenvolvimento da homeopatia e de outros saberes alternativos.

Ao demonstrar a forma extremamente fácil de se produzir um medicamento homeopático, utilizando-se o princípio ativo escolhido (uma planta, um mineral ou um fragmento animal), foi revelado para os participantes o impacto do caráter econômico que move a indústria farmacêutica alopática. Os debates desencadeados entre os participantes e facilitadores promoveram a compreensão de que a abordagem alopática favorece a produção em massa de medicamentos, que visa a redução de custos e amplia a rentabilidade dos laboratórios farmacêuticos.

A vinda de Edna trouxe à luz aspectos outros do conflito entre a biomedicina e esta modalidade homeopática popular, que não apenas o econômico ou o político já pontuados. Este, insere a homeopatia num âmbito muito mais profundo de conflitos de saberes em saúde: o cognitivo.

Edna indicou que o homeopata popular bem treinado não é habilitado apenas a escolher uma homeopatia correta, como o fazem, por exemplo, os pacientes que adquirem remédios alopáticos e que pela própria informação da bula, acabam por obter certo domínio sobre a sua ação terapêutica. No caso dos homeopatas populares, estes são treinados, antes de tudo, para desvendar e entender processos e trajetórias pessoais de cada indivíduo que resultaram no acometimento de alguma disfunção orgânica, emocional ou mental crônica ou seus efeitos agudos.

Assim sendo, saber a cura é algo diretamente relacionado a conhecer a história de vida daquela pessoa, decodificando o impacto de aspectos emotivos, mentais e físicos que repercutem na saúde humana, desarmonizando seus padrões de defesa.

No entanto, mais ainda do que esta apreensão processual e sistêmica dos padrões de defesa do organismo, evidenciou-se a capacidade de empoderamento subjetivo destes

indivíduos; conferida pela compreensão de suas leis, princípios, metodologia e bases filosóficas. Pois, segundo indicaram tanto o Padre Toninho quanto Edna Amaral, da mesma forma que um homeopata se habilita a decodificar trajetórias e suas manifestações de enfermidades para desvendar a homeopatia mais eficaz, estes mesmos princípios de saber em saúde habilitam o homeopata a produzir suas próprias experiências com novas substâncias.

Alguns casos exitosos foram protagonizados no próprio curso observado por esta pesquisa. Dois participantes produziram homeopantias para uso doméstico: um para eliminar uma infestação de insetos em casa e o outro para cura de um cajueiro adoecido.

Tais experiências, segundo Edna, são de fácil acesso a qualquer homeopata popular, bastando apenas pautarem-se nos procedimentos clássicos de Hahnemann, que são ensinados nos cursos e descritos no respectivo material didático (AMARAL; PASSOS, 2011).

Nesta pesquisa se pôs em evidência interseções possíveis entre os saberes biomédicos e outras formas de produção de saberes em saúde, reconhecendo que “em última instância, a injustiça social assenta na injustiça cognitiva” (SANTOS, 2010, p. 106). Na observação do campo empírico, foi possível colher evidências de que os facilitadores, ao elencar inúmeras modalidades terapêuticas para ilustrar a validade de todas sem, contudo, desconsiderar a validade do saber biomédico, promoveu a visibilidade e inteligibilidade recíproca de ambas (SANTOS, 2005).

Santos (2005) acerca dos caminhos da biodiversidade, para indicar outras soluções possíveis à experiência e a reinvenção da emancipação social, evoca domínios como a democracia participativa e sistemas alternativos de produção. Ambos aspectos podem ser creditados à experiência aqui retratada, inserindo-a no âmbito de uma ecologia dos saberes.

Sobre a democracia participativa, observo o potencial deste saber e prática em saúde de “reabilitar” o homeopata popular à produção de conhecimentos que há muito tempo vêm sendo interdita, por força da **racionalidade indolente** e de uma **monocultura do saber**, que restringe este reconhecimento a seletos grupos científicos, instituindo sua hegemonia e autoridade hierárquica sobre outros modelos cognitivos de produção de saberes e seus agentes (SANTOS, 2005).

No quesito de emancipação social, há uma ampliação da experiência humana conferida pelo saber homeopático ao seu praticante, que desvenda novos usos homeopáticos, além de conferir mérito de uma quebra da relação de dominação ideológica, cognitiva e epistemológica. A homeopatia popular comunitária tem, assim, o potencial de promover processos de autoconhecimento capazes de mobilizar e engendrar novos significados ao contexto social, cultural e histórico em suas dimensões sociais mais diretas (SANTOS, 2005).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio deste trabalho não foi compreender a homeopatia e nem compreender as distinções epistemológicas, metodológicas ou teóricas que fundamentam as iniciativas e práticas oficiais ou não oficiais da produção de conhecimento e sua reprodução. No tocante ao objetivo traçado, buscou-se verificar o cerne mais profundo das contribuições que o conhecimento em homeopatia popular poderia proporcionar aos sujeitos, na condução de suas práticas em saúde.

E constatou-se, na base de tudo, que a realidade ultrapassa, de fato, todas as formas existentes – científicas e não científicas – de se compreender o mundo real e, por isso mesmo, merece apurada sensibilidade e firmeza de admitirmos, em nosso íntimo, que muito nos falta para firmar um elevado *sentido* sobre a nossa experiência humana.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. L. **Homeopatia popular e ecologia dos sabres em saúde**. 2018. 137f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró – RN, 2018.
- AMARAL, E. F. **Conhecimento e (re)conhecimento na educação popular**: uma reflexão sobre a experiência educacional da ABHP. Cuiabá: UFMT/IE, 2008.
- AMARAL, Edna F., PASSOS, Luiz A. **Homeopatia: a cura pelos semelhantes**. 5ª ed., Cuiabá: Masiero Impressões Gráficas, 2011 (Coleção a cura pelos semelhantes – módulo I).
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURDIEU, P. **O campo científico**. In: ORTIZ, R. (Org). **Pierre Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução**. 7. ed. (2. Reimpressão) Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- CUNHA, M. C. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 20ª edição. Rio de Janeiro: Graal; 1979. p.79-98.
- FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, A. C. **Método e técnica de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

LUZ, M. T. **A arte de curar versus a ciência das doenças**: história social da homeopatia no Brasil. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

SANTOS, B. S. [Org] Introdução. In: SANTOS, B. S. [Org] **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008

SANTOS, B. S. A ecologia dos saberes *In*: **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010, p.137-165.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, B. S. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SHIVA, V. Biodiversidade e conhecimento popular. In: **Biopirataria**: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ZEMELMAN, H. Sujeito e sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói *In* SANTOS, B. S. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 457-468